

HABILIDADES NA INFÂNCIA: (RE) DEFININDO AS ATRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS PARA O BEM-ESTAR

SKILLS IN CHILDHOOD: (RE) DEFINING FAMILY AND SCHOOL ASSIGNMENTS IN CHILDREN'S EDUCATION FOR WELL-BEING

HABILIDADES INFANTILES: (RE) DEFINIENDO EL PAPEL DE LA FAMILIA Y LA ESCUELA EN LA EDUCACIÓN DE LOS NIÑOS PARA EL BIENESTAR

Maria Paula Cavalcanti Carvalho
mariapaula18carvalho@hotmail.com
Universidade de Pernambuco
Graduada em Psicologia

Sirlene Vieira de Souza
sirlene.vieira@upe.br
Professora assistente da Universidade de Pernambuco
Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Alagoas

RESUMO

O presente artigo se inscreve nas discussões acerca das *habilidades* que devem ser incentivadas por família e escola na rotina das crianças para o alcance do bem-estar e de uma vida mais saudável. Assim, os objetivos foram reconhecer os estudos que apontem para *habilidades* e infância; investigar, na literatura, práticas parentais para o desenvolvimento de *habilidades* nas crianças; analisar através da revisão bibliográfica a escola e o seu investimento em *habilidades* e sua comunicação com a família da criança; refletir sobre as atribuições da escola e da família na educação de crianças para às *habilidades* a partir da literatura. A pesquisa se configura em uma revisão do estado da arte, na qual utilizou-se como base dados a PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia). Na busca foram encontrados 97 artigos, e desses selecionou-se 9 para a análise de dados a partir da análise de conteúdo em Bardin (2011). *Habilidades* é a unidade de registro do estudo e como critérios de escolha, definimos os marcadores: Parentalidade, Contexto escolar e Infância. A análise de dados suscitou muitas compreensões sobre a importância da parentalidade para o cultivo das habilidades na infância como também aponta os estigmas que a família lança à escola, sendo essa um lugar em que a criança tem expressado seus adoecimentos. Os desdobramentos que a pesquisa fez surgir apontaram para a importância de se ter infâncias interligadas às habilidades que favorecem o bem-estar das crianças, mas essa tarefa compete à escola e família, necessitando que ambas se impliquem.

Palavras-chave:Habilidades na infância. Parentalidade. Contexto escolar. Educação. Bem-estar.

ABSTRACT

This article is part of the discussions about the skills that should be encouraged by the family and school in the children's routine to achieve well-being and a healthier life. Thus, the objectives were to recognize studies that point to skills and childhood; investigate in the literature parenting practices for the development of skills in children; analyze through the literature review the school and its investment in skills and its communication with the child's family; reflect on the role of the school and the family in educating children for skills based on literature. The research is configured in a state of the art review, in which PEPSIC (Electronic Journals in Psychology) was used as database, 97 articles were found in the search, and 9 of these were selected for data analysis based on content analysis in Bardin (2011). Skills is the ¹unit of record of the study and as criteria of choice, we define the markers: Parenting, School context and Childhood. The data analysis has raised many understandings about the importance of parenting for the cultivation of skills in childhood, as well as pointing out the stigmas that the family throws at school, this being a place where the child has expressed his illnesses. The developments that the research brought up pointed to the importance of having childhoods linked to the skills that favor the well-being of children, but this task is up to the school and family, requiring both to be involved.

Keywords: Childhood skills. Parenting. School context. Education. Welfare.

RESUMEN

Este artículo es parte de las discusiones sobre las habilidades que deben fomentar la familia y la escuela en la rutina de los niños para lograr el bienestar y una vida más saludable. Así, los objetivos fueron reconocer estudios que apuntan a habilidades e infancia; investigar las prácticas de crianza en la literatura para el desarrollo de habilidades en los niños; analizar a través de la revisión de la literatura la escuela y su inversión en habilidades y su comunicación con la familia del niño; reflexione sobre las atribuciones de la escuela y la familia en la educación de los niños para las habilidades basadas en la literatura. La investigación se configura en una revisión del estado del arte, en la que se utilizó la base de datos PEPSIC (Electronic Journals in Psychology). Se encontraron 97 artículos en la búsqueda, y de estos, 9 fueron seleccionados para análisis de datos del análisis de contenido. en Bardin (2011). Habilidades es la unidad de registro del estudio y como criterio de selección, definimos los marcadores: Paternidad, Contexto escolar e Infancia. El análisis de datos generó muchos entendimientos sobre la importancia de la crianza de los hijos para el cultivo de habilidades en la infancia, además de señalar los estigmas que la familia arroja en la escuela, que es un lugar donde el niño ha expresado sus enfermedades. Las consecuencias que sacó a la luz la investigación apuntaron a la importancia de vincular la

¹Graduada em Psicologia pela Universidade de Pernambuco – UPE; mariiapaula18carvalho@hotmail.com

²Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL; sirlene.vieira@upe.br

infancia a las habilidades que favorecen el bienestar de los niños, pero esta tarea es responsabilidad de la escuela y de la familia, requiriendo que ambas se involucren.

Palabras clave: Habilidades infantiles. Crianza de los hijos. Contexto escolar. Educación. Bienestar.

INTRODUÇÃO

O trabalho emerge da pesquisa de Iniciação Científica, sob o título *Família e escola numa ação que não pode parar: ressonâncias do “regar” habilidades de vida para o bem-estar das crianças sob à óptica da revisão sistemática*. A mesma está vinculada a Universidade de Pernambuco-UPE, *campus* Garanhuns. Todavia, os resultados que aqui se apresentam são inéditos. Essa construção é resultado de uma relação de conversação entre as dimensões psicológicas e pedagógicas das pesquisadoras, invocando teóricos que abordam pesquisas sobre *habilidades* na infância, partindo do pressuposto de que o investimento nas *habilidades* das crianças por meio da escola e família fortalece a infância em muitos pontos, mas principalmente em questões da saúde mental. Foi então a partir dessa preocupação para com a infância e no sentido de lutar pelo reconhecimento da mesma que as pesquisadoras se lançaram na jornada de buscar na literatura as discussões e suas implicações para a temática abordada, comprometendo-se com o bem-estar das crianças e refletindo como as instituições socializadoras da infância regam habilidades na rotina das mesmas.

A pesquisa apresenta como objetivos: reconhecer os estudos que apontem para *habilidades* e infância; investigar na literatura práticas parentais para o desenvolvimento de *habilidades* nas crianças; analisar através da revisão bibliográfica a escola e o seu investimento em *habilidades* e sua comunicação com a família da criança; refletir sobre as atribuições da escola e da família na educação de crianças para às *habilidades* a partir da literatura.

Habilidades na infância e o cérebro da criança

A infância é uma etapa crucial na vida do sujeito, pois nela ocorrem muitas alterações no cérebro da criança, sendo de extrema importância nessa fase os pequenos serem estimulados pelas instituições socializadoras que os cercam, como família e escola desencadeando habilidades de vida para que a criança disponha de recursos psicológicos necessários para lidar com os conflitos internos e externos no seu cotidiano. Segundo Minto et al. (2006) os programas que ensinam habilidades de vida são oferecidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e seus parâmetros são desenvolver capacidades emocionais e cognitivas fazendo com que os sujeitos lidem melhor com situações conflituosas. As habilidades de vida foram instituídas pela OMS, de modo que Gorayeb (2002, p. 215) pontua que essas habilidades são: “tomada de decisão, resolução de problemas, pensamento criativo, pensamento crítico comunicação eficaz, relacionamento interpessoal, autoconhecimento, empatia, lidar com as emoções e lidar com o stress”.

Quando se discute sobre o bem-estar na infância, o senso comum ainda carrega a crença de que, se a mesma for suprida de tudo o que quer, ela será feliz. É importante compreender como as habilidades sociais e as relações saudáveis da criança com o ambiente são cruciais para o bem-estar e felicidade na infância sendo insubstituíveis por bens materiais. De acordo com Del Prette e Del Prette (2005), a felicidade da criança constantemente é associada a bens materiais, conforto e diversão. Não se pode ignorar que o seu bem-estar pode ser ampliado com a melhoria dos relacionamentos em diferentes contextos. Embora a vida tenha situações de conflito, a criança pode sentir-se mais feliz quando desfruta de interações prazerosas onde sente-se validada, e a presença de um repertório elaborado de habilidades sociais favorece decisivamente relações de bem-estar com os outros sujeitos durante a infância.

É necessário estar atento às dificuldades interpessoais na infância envolvem quadros que se caracterizam no campo de psicopatologia infantil, e trabalhar as

habilidades sociais² com crianças é tão urgente na sociedade que ao terem um bom repertório dificilmente serão acometidas por problemas comportamentais e emocionais que culminam em transtornos psicológicos. Del Prette e Del Prette (2005) elucidam que dentre as dificuldades interpessoais na infância dentro da área da psicopatologia infantil pode-se citar os problemas internalizantes (depressão, ansiedade, isolamento social e fobia social), como também surgem os problemas externalizantes (transtornos que envolvem agressividade física e/ou verbal, condutas antissociais e comportamentos opositores ou desafiantes. Del Prette e Del Prette (2005) ainda reiteram que há um conjunto de habilidades relevantes na infância que são as seguintes: autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizades, solução de problemas interpessoais e habilidades sociais acadêmicas.

Quando se toca no universo de habilidades sociais para as crianças, pode-se questionar ao mesmo tempo quem seria esse adulto capaz de assegurar uma educação para habilidades, e ninguém melhor do que pais e/ou cuidadores e escola e/ou professores, visto que são os primeiros a mediar a interação da criança com o mundo social sem falar que representam para a criança figuras de referência pelas quais ela se espelha, principalmente quando a criança adentra no contexto escolar ela passa a demandar muitos cuidados dos pais e/ou cuidadores primários. Del Prette e Del Prette (2005) debatem que ao frequentar outros microsistemas para além da família, amplia-se a diversidade de interlocutores bem como as oportunidades para aplicar e aperfeiçoar o repertório social da criança, porém, essa passagem para outros contextos ecológicos convoca monitoramento dos pais, pois a fase de transição para a escola é um período difícil para as crianças se os pais são ausentes.

Parentalidade com crianças

²Na pesquisa destacam-se os termos habilidades sociais e habilidades de vida, o primeiro foi o mais citado por autores ao se referirem às habilidades necessárias na infância, porém usou-se também no estudo o termo habilidades de vida, considerando-se esse como o mais abrangente dentro do leque de habilidades que se pode investir nas crianças, o mesmo agrupa as habilidades sociais dentro do seu escopo.

Educar uma criança vai muito além de estabelecer regras ou limites, ao mesmo tempo ser pai, mãe, avô ou avó, seja quem for o cuidador parental da criança ele não pode achar que para cuidar existe um manual ou receita prontos, mas ele precisa reconhecer que todo investimento, amor e cuidado servirão de base para uma educação saudável. O adulto não precisa ser perfeito para exercer a parentalidade, no entanto, quando suas habilidades são colocadas em prática na rotina das crianças torna-se possível falar de uma infância para o bem-estar. Para Cartaxo (2016, p.3):

O sonho de infância de ser herói nos é possível quando nos tornamos pais, heróis num mundo pequeno e único, sem capa e máscaras, mas com poderes e habilidades incríveis. Heróis que precisam estar atentos e prontos para intervir. Heróis que devem passar segurança, protegendo. Heróis que precisam ser modelos e referências diárias. Heróis que ultrapassam barreiras para melhor comunicar-se. Heróis que vencem batalhas diárias com a rotina. Heróis que mesmo com suas fraquezas e limitações precisam estar dispostos o tempo inteiro. Heróis que são reconhecidos pelos seus feitos através de beijos e abraços. Heróis porque tem o poder de transformar uma realidade quando passa a fazer diferente e diferença na vida do seu filho. Heróis reais com falhas, frustrações e culpas, mas com coragem, sabedoria e esforço diante dessa missão que não pode parar: Educar.

Contribuir com o desenvolvimento de uma criança exige do cuidador disponibilidade e relações equilibradas pelo diálogo, sendo imprescindível ter assertividade nesse papel de educar, e tomando como base o diálogo, conseqüentemente haverá facilidade na comunicação entre a criança e o adulto. Cartaxo (2016) afirma que educar exige dedicação constante, paciência, insistência e persistência, e considera o diálogo essencial para que os vínculos afetivos sejam estabelecidos, e essa forma de interação demanda sensibilidade e disponibilidade contribuindo para criar um “clima emocional” agradável em sintonia com a criança.

Outro ponto a ser destacado dos pais e/ou cuidador em relação às crianças é a questão dos rótulos, devendo-se apontar que a criança precisa sentir-se amada, respeitada e valorizada para desenvolver habilidades tão essenciais a sua vida, logo é importante que os pais questionem as imposições que fazem aos seus filhos e valorizem o que eles são. Cartaxo (2016, p. 26), ainda diz:

NÃO ROTULE. Abrace a personalidade do seu filho. Não tente muda-lo. Dê liberdade para que desempenhe seu “eu”. Se a criança for criada com

estereótipos, não terá oportunidade de desenvolver suas próprias habilidades. A infância é uma fase de formação de identidade, e esse comportamento de rotular pode influenciar no processo de crescimento pessoal.

A família também desde cedo pode psicoeducar as crianças sobre o reconhecimento de emoções, autoconhecimento e nomeação de sentimentos e isso é fundado quando os cuidadores praticam habilidades interligadas à inteligência emocional, e ao dar valor e voz aos sentimentos das crianças, essas conseguem administrar melhor suas emoções.

As atribuições da escola às crianças e as diretrizes do currículo escolar

Ao falar-se sobre escola em especial na primeira infância logo o senso comum associa a duas palavras, educar e cuidar, visto os cuidados que uma criança na educação infantil requer do educador, e sabe-se que a escola é uma ponte para instaurar aquilo que já foi posto e/ou trabalhado no contexto familiar da criança, então compreende-se que há uma conversação entre família e escola, onde essa tem como uma das atribuições a de complementar a educação construída na base familiar da criança, no entanto a função predominante da escola é essencialmente educativa, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trata dessas questões de forma clara e concisa. O documento da BNCC, Brasil (2018, p. 36) propõe que:

Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articula-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar [...].

E ao que tange às aprendizagens estimuladas nas crianças no ensino de educação infantil pela escola, pode-se mencionar que ao passo que família e escola se integram, o aprender é potencializado e emerge o reconhecimento de culturas e realidades pelas quais a criança está inserida em seu seio familiar. O documento referente à BNCC, Brasil (2018) confirma que a potencialização da aprendizagem e o desenvolvimento das crianças se dá pelo diálogo e compartilhamento de responsabilidades entre escola e família como também a escola passa a conhecer e

trabalhar com as culturas plurais abrindo-se o diálogo entre riqueza/diversidade cultural junto às famílias, e exemplos de direitos de aprendizagem na educação infantil são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Um tópico que merece visibilidade é sobre como o sucesso na aprendizagem é determinado não só pela via escolar, mas também pelo contexto familiar, e se a criança é acometida por problemas dentro de casa isso impacta negativamente o campo de ensino-aprendizagem. Collares e Moysés (1992) confirmam como o aprender e o não aprender são aspectos multideterminados quando aponta que professoras e diretoras de um estudo realizado consideram que há cinco categorias fundamentais ao se falar de fracasso escolar: causas centradas na criança, na família, no professor, na escola e no sistema escolar, porém todas as professoras e diretoras de sua pesquisa concordaram com unanimidade que os problemas na família impedem ou dificultam o processo de aprendizado escolar. Ao se pensar em saúde psíquica da criança, associa-se também a família como coparticipante na construção do psiquismo da mesma, pois essa é a primeira instituição socializadora e de afeto do sujeito, e se a relação do mesmo no ambiente familiar não caminha para o bem-estar.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é bibliográfica, do tipo estado da arte. Utilizamos como fonte de informação a base de dados dos Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC). A triagem dos artigos foi feita entre 27 de agosto até o dia 6 de setembro do ano de 2019, onde foram realizadas buscas com os seguintes trios de descritores: Família, escola, criança; Criança, escola, habilidades; Criança, família, habilidades; Escola, família, habilidades. Ao todo foram encontrados 97 artigos.

Os critérios de inclusão foram selecionar os estudos publicados entre os anos de 2015 até o primeiro semestre de 2019 bem como as temáticas especificamente sobre infância com crianças de faixa etária com até 12 anos de idade. Outro critério foi que os artigos abordassem temáticas referentes a cenários de crianças em

instituições como família e escola procurando ir de acordo com os objetivos da pesquisa. Foram excluídos todos os estudos que não satisfizeram aos critérios citados anteriormente como também os estudos que tratavam de temas muito distantes do que a pesquisa se propunha.

Numa primeira seleção os resumos dos 97 artigos foram lidos, destes, foram selecionados 27 trabalhos e realizada sua leitura na íntegra, desses, foram escolhidos apenas 9 que de fato dialogavam com o tema do presente estudo.

Para a sistematização dos resultados optou-se pela análise de conteúdo de Bardin, procurando-se categorizar pontos específicos que tomam o centro da pesquisa de modo organizado, e posteriormente estruturá-los em categorias de análise. Para Bardin (2011), a análise de conteúdo é uma arquitetura de instrumentos incessantemente aperfeiçoada onde pode-se falar sobre conteúdos e continentes variados, apontando que a análise envolve categorização, interpretação e informatização.

A seguir foram organizados os dados dos artigos em tabelas para que se pudesse extrair informações relevantes da amostra quantitativa resultante.

Tabela 1. Recortes temáticos por ano (entre 2015 e o primeiro semestre de 2019)

Ano	Temas e/ou assuntos
2014	Parentalidade com crianças especiais, envolvimento parental, reforçamento de vínculos entre pai, mãe e criança, repertório de habilidades dos pais, habilidades parentais, habilidades sociais e crianças especiais, atitudes de parentalidade positiva.
2015	Interconectividade entre família e escola, contextos ecológicos (família e escola), transição ecológica na infância, resiliência e vulnerabilidades, cuidados parentais, desenvolvimento de habilidades nas crianças e adaptação aos novos contextos, potencial relacional nas crianças e habilidades nas crianças investidas pelos pais, comportamento dos pais e relação com a adaptação da criança na escola.
2016	Autoconceito e autocontrole da criança,

	<p>autoconceito familiar, família e estado emocional da criança, autoconceito, implicações no fracasso escolar e na aprendizagem, transmissão psíquica e relações patológicas entre pais e filhos, cargas emocionais dos pais e repercussão na vida das crianças, desvalorização do brincar pelos pais, satisfação com a vida e bem-estar subjetivo na criança, primeiras instâncias socializadoras (escola e família) na infância e a promoção de habilidades, família, relação e repercussão com a posterior vida adulta da criança, família e desenvolvimento emocional saudável da criança, clima social da escola e bem-estar das crianças, presença de pais e adaptação aos contextos na vida adulta dos filhos, convivência com os pais e fator protetivo, comportamentos paternos e bem-estar entre pais e filhos, escola e família como determinantes de como a criança enxergará a vida.</p>
2017	<p>Família e psiquismo da criança, escola enquanto lugar de segurança na percepção da família, escuta, validação e atenção dos pais, presença dos pais e adaptação das crianças na vida adulta, suporte emocional, educacional e monitoramento dos pais.</p>
2018	<p>Amadurecimento emocional e presença do pai, desvalorização do brincar por parte dos pais, banalização da aprendizagem do pai e desvalorização da aprendizagem pela criança, dificuldades de aprendizagem da criança e falta de estimulação dos pais, problemas internalizantes e externalizantes na criança, problemas na família e na escola e menor competência social.</p>
1º semestre de 2019	<p>Práticas parentais positivas, grupos reflexivos para pais, modificação dos papéis no contexto familiar, reflexões sobre a infância dos pais como determinante dos pais que são hoje.</p>

Um ponto importante que se pode analisar nessa tabela é como os temas no decorrer dos anos enfatizam os cuidados e habilidades parentais para com a criança, podendo-se inferir que há uma necessidade na literatura nos últimos cinco anos em abordar o comportamento parental e como o seu desempenho adequado é

desencadeador do bem-estar nas crianças. Outros temas aparecem, mas não em todos os anos e nem com a mesma ênfase da importância da parentalidade.

Tabela 2. Título do artigo e incidência de autores por gênero

Título do artigo	Incidência do gênero de autores e autoras por artigo
Relação entre autoconceito e autocontrole comparados ao desempenho escolar de crianças do ensino fundamental.	2 mulheres e 1 homem
A importância da figura paterna para o processo de aprendizagem.	2 mulheres
A importância da família na clínica infantil: um ensaio teórico-clínico.	2 mulheres
Grupo reflexivo para promoção de parentalidade e coparentalidade: um relato de experiência.	5 mulheres e 3 homens
Desenvolvimento das crianças: um olhar sobre o papel da família e o papel da escola na perspectiva dos pais.	2 mulheres
Satisfação de crianças com a vida: as contribuições da família e da escola.	2 mulheres e 1 homem
Transições cotidianas entre a família e a escola: atividades e relações de crianças nesses contextos ecológicos	2 mulheres
Estratégias para envolvimento parental em fisioterapia neuropediátrica: uma proposta interdisciplinar.	2 mulheres
Problemas de Comportamento, Competência Social e Desempenho Acadêmico: Um Estudo Comparativo de Crianças no Ambiente Escolar e Familiar.	3 mulheres
Total	22 mulheres autoras para 5 homens autores

A presente tabela traz informações pertinentes quanto ao número de mulheres autoras dos artigos, tendo-se uma grande diferença quantitativa aos autores do sexo masculino. Em relação a amostra dos 9 nove artigos selecionados, tem-se 22 mulheres autoras para 5 homens, é um pouco mais que um quádruplo de

diferença. Isso também pode indicar para além da participação do gênero feminino na produção científica, podendo apontar também o fato das mulheres serem as mais interessadas sobre os recortes dessa pesquisa.

Tabela 3. Tipos de Percursos metodológicos por estudo

Tipo de metodologia	Nº de estudos
Testes psicológicos e escalas de avaliação	3
Estudo de caso	3
Entrevista	1
Questionário	1
Revisão de Literatura	1
Total	9

Ao observar os dados da tabela quanto ao tipo de metodologia tem-se dentre os 9 artigos 3 sendo estudos de caso e 3 em testes psicológicos e escalas de avaliação, isso confirma em relação a amostra que esse cenário tem tido mais ações com uso de instrumentos psicológicos e pesquisas de aprofundamento em unidades individuais que são os estudos de caso, especificamente no que concerne à avaliação psicológica, pode-se notar que têm sido construídas ações que se comprometem definitivamente com o campo da psicologia e dos testes psicológicos.

Tabela 4. Nome de Revista Científica e quantidade de artigos publicados

Nome da revista científica	Nº de estudos publicados
Revista Psicopedagogia	1
Revista do Nesme	1
Temas em Psicologia	2
Revista SPAGESP	1
Psicologia em revista	1
Estudos e pesquisas em psicologia	3
Total	9

O nome da revista científica pode indicar a área pela qual os estudos estão sendo mais voltados, e dentro da amostra a revista que mais pontou foi a Estudos e pesquisas em psicologia, seguida de Temas em Psicologia, mostrando mais uma

vez como a psicologia dialoga com a infância, escola e parentalidade, e grande parte das outras revistas também se referem à mesma área.

Tabela 5. Autores mais citados por artigo

Autor citado em mais de um artigo	Nº de artigos
Bronfenbrenner, U.	2
Campos, M.M.	2
Del Prette, A., e Del Prette, Z. A. P	4
Peres, R. S., e Santos, M. A.	2
Williams, L. C. A., Aiello, A. L. R.	2

Nessa tabela referente aos autores que se repetem em mais de um artigo e com maior incidência em um mesmo artigo, o que mais pontuou foi Del Prette, A., e Del Prette, Z. A. P que são autores do campo da psicologia conhecidos mundialmente por publicações voltadas à infância e às habilidades sociais. Os demais autores da tabela que também têm publicações voltadas ao universo infantil pontuaram em um mesmo quantitativo entre si.

Tabela 6. Tipo de perspectiva/abordagem por artigo

Tipo de perspectiva/abordagem	Nº de artigos
Utilização de instrumentos (testes psicológicos e entrevistas).	4
Perspectiva clínica psicanalítica em estudos de caso	2
Perspectiva histórico social a partir do construcionismo social sobre parentalidade positiva (um estudo de caso de duas famílias)	1
Perspectiva histórico social a partir da psicologia do desenvolvimento e uso de questionários	1
Perspectiva histórico social sobre parentalidade positiva e parentalidade no contexto de reabilitação de crianças	1
Total	9

A perspectiva mais predominante dos artigos da amostra está fortemente vinculada à área de testes psicológicos com o número de 4 artigos, no entanto em

segundo lugar aparece a perspectiva da clínica psicanalítica (que trouxe estudos ricos sobre a infância e o psiquismo infantil), e em terceiro o construcionismo social e a perspectiva histórico-social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Elegeu-se *habilidades* como unidade de registro da presente pesquisa, emergindo a partir desse dado três categorias de análise: *parentalidade, contexto escolar, infância*. A parentalidade exercida por membros da família pode trazer inúmeros benefícios para a saúde emocional da criança, interferindo na forma como a criança se enxerga e como age no meio em que vive, ou seja, habilidades importantes como autocontrole e autoconceito são variáveis inter-relacionadas pelas quais a família tem um papel de coautoria para a edificação das mesmas no dia a dia da criança. Conte, Ciasca e Capelatto (2016, p. 232) ao aplicarem testes de avaliação psicológica com crianças do 1º ao 5º ano do ensino fundamental chegaram à conclusão:

Os resultados apresentados nesta pesquisa permitiram concluir que, para a amostra avaliada no presente estudo, quanto mais conhecimento o indivíduo tinha de si (autoconceito), maior foi seu autocontrole, e quanto maior foi seu autocontrole, maior foi seu autoconceito familiar, demonstrando a importância da família no estado emocional da criança, no desenvolvimento das regras e condutas e no autocontrole em geral. Além disso, o autoconceito pessoal estava diretamente relacionado à aprendizagem (e no desempenho em aritmética) e aos sentimentos e emoções da criança, assim como o autoconceito social influenciou no desempenho escolar e em aritmética, ou seja, quando mais a criança conhece sobre si mesma, melhor é seu desempenho escolar e sua capacidade em lidar com as situações do dia-a-dia.

Entende-se também que as atribuições dos responsáveis pela criança ao estabelecerem regras, limites e supervisão contribuem ativamente para o bem-estar das crianças, e ao mesmo tempo estas se portam mais assertivamente nos meios em que vivem. Weber (2017) especifica que limites são como fronteiras que demarcam o que é permitido ou não, e caracterizam-se como fundamentos e a estrutura de uma casa, ao mesmo tempo essas restrições conferem segurança à criança e à medida que aprendem as regras adquirem organização, estrutura e direção.

Um outro aspecto essencial que os estudos confirmaram é que ao se exercer a parentalidade é importante olhar para dentro de si, procurando se autoconhecer, muitos pais e/ou cuidadores são os portadores do sintoma, porém acham que o sintoma está unicamente na criança, então é preciso investigar a si próprio procurando requisitar as pendências e lacunas da infância que estão repercutindo em sua vida adulta, e dessa forma procurar melhorar o relacionamento com seus filhos, pois os pais são os responsáveis pela transmissão psíquica às crianças gerando conflitos e falhas na formação do psiquismo infantil. Osti e Sei (2016, p. 149), acreditam que: “Estas falhas em demasia acarretam consequências ao psiquismo da criança e ao seu desenvolvimento social, e é neste momento que pode surgir a procura do tratamento”.

Em relação a esse ponto, Osti e Sei (2016) ao se referir a um caso clínico de uma criança com ideação suicida e discurso depressivo explica que os pais transmitiram-lhe cargas emocionais, a mãe por exemplo tinha histórico de tentativas de abuso sexual e o pai não gostava de ter vínculos para além do familiar, eles tinham cuidados exacerbados com a menina e exigiam comportamentos da filha baseando-se em crenças de suas próprias infâncias, e a criança acabou incorporando esses conteúdos familiares. A psicanálise aponta para a idealização dos pais e os seus riscos:

Parece-nos possível supor que a marca narcísica na parentalidade sinaliza para uma tendência mais ou menos irresistível para a eleição da criança interna, fruto da idealização dos pais e, conseqüentemente, para o abandono da criança externa que se encontra sob seus cuidados. Os pais se esforçam além dos limites para que a criança idealizada possa ter melhor sorte e não precise obedecer aos mesmos imperativos aos quais eles se submeteram ao longo da vida (VELUDO e VIANA, 2012, p. 117).

Ainda nesse tópico Barreto et al. (2019) ao falar dos grupos reflexivos sobre parentalidade que direcionava, expunha que a infância dos participantes implicou nos pais que se tornaram hoje, sendo o grupo reflexivo uma ponte para exporem suas dificuldades e trocarem olhares e experiências.

A parentalidade também exige comportamentos assertivos dos pais para que se firme uma educação positiva, e para Shutz, Bortoloni e Sarriera (2016) esses

comportamentos se assemelham a atenção, respeito, escuta, como também são responsáveis por despertar habilidades e comportamentos assertivos nas crianças. Partilhando das mesmas ideias Alvão e Cavalcante (2015) relatam que na entrada para a pré-escola a adaptação realmente acontece quando os pais trabalham habilidades culminando a adaptação das crianças para um novo contexto ecológico, mas já os pais que apresentam um comportamento agressivo e sem conectividade com a criança, essa tem a tendência de desenvolver mal-estar e tristeza.

Quanto ao contexto escolar sabe-se que a escola atua com afincado para aumentar o repertório de competências e habilidades das crianças, no entanto, quando há negligência do apoio familiar o processo de ensino-aprendizagem torna-se enfraquecido, pois para que a aprendizagem construa as raízes firmes a família precisa também se comprometer com a práxis da escola de modo a consolidar os ensinamentos treinando-os em casa, seja valorizando o brincar, a leitura e a escrita, ou seja, tudo o que compõe a didática escolar. Klumpp e Silva (2018) expõem o cenário de uma criança, a qual passava por muitos enfrentamentos no âmbito escolar e não valorizava o aprender, mas na casa da criança não havia incentivo à leitura e muito menos ao brincar, principalmente o pai negligenciava a aprendizagem da criança deixando-a horas a fio em jogos na internet, o aluno então tinha grande ansiedade ao ver materiais escolares, não queria ir à escola nem cumprir com suas responsabilidades escolares. Klumpp e Silva (2018, p. 42) ao se referirem ainda a esse caso clínico afirmam que: “O pai por sua vez, dava ao filho o celular para que ele pudesse se distrair um pouco, deixando de lado a responsabilidade com os deveres da escola. A mãe, percebendo-se sozinha na educação do filho, deixava-o à vontade para fazer o que mais gostava: brincar no celular”.

O contexto escolar também pode indicar fatores de saúde mental da criança e observar o comportamento dos alunos nesse meio contribui para desmistificar o não dito, ou seja, aquilo que está oculto na história da criança e possui entrelaçamentos com a de sua família. Cada criança revela um mundo particular e a escola pode

fomentar intervenções para suprir as necessidades da criança desde que haja interação entre família, criança e escola. Para Rodrigues (2011, p. 396):

[...] a Escola é um setting adequado à promoção da educação para a saúde, sobretudo quando se envolvem, a criança, os pais e professores; as intervenções de educação para a saúde devem ser planejadas a partir das necessidades específicas de saúde das crianças e adequadas às suas características pessoais e de contexto.

Comportamentos como agressividade, impulsividade e a falta de socialização na escola, não necessariamente requer um diagnóstico clínico já de início rotulando a criança, muitas vezes pode significar a relação da criança com a família, e essas perturbações se externam na escola justamente pelo fato dessa ser para além da família da criança um segundo lar como muitos dizem popularmente, pois a escola é depois da família uma das primeiras instituições socializadoras da criança. Osti e Sei (2016) ao fazer referência a uma criança com ideação suicida e com sintomas de depressão aponta que a principal queixa dos pais foi o comportamento da filha na escola, os mesmos relataram ao terapeuta que sua filha era agressiva na escola e que não sabia fazer amizades e optaram por não se envolverem mais com as situações da criança vivenciadas na escola, mas na verdade o autor afirma que o sintoma tinha origem nos pais e não na própria criança em si, pois esses estavam transmitindo à criança seus problemas e ela respondia com esses comportamentos na escola.

Um estigma que o contexto escolar ainda carrega é o assistencialismo, e isso é sustentado pelas famílias que não se cansam de afirmar que a escola é um lugar de cuidar e de ensinar para a vida. Muitos pais que são ausentes da educação dos filhos costumam atribuir à escola toda a responsabilidade da criação dos seus filhos. Mainardi e Okamoto (2017) ao realizarem entrevistas com pais de alunos do primeiro ano do ensino fundamental relatam que eles consideram a escola como o suprimento daquilo que eles não podem dar aos filhos por não ter tempo nem conhecimento, eles também não mostram interesse em saber como são as atividades no ensino integral apenas dizem que quanto mais tempo na escola as crianças passam é melhor para elas, os pais entrevistados relatam inclusive que o

cabe a si dá carinho, amor e compreensão enfatizando que a escola é quem ensina o que é certo e o que é errado.

Mainardi e Okamoto (2017, p. 836) elucidam que: “Verifica-se que a família deposita grande parte da expectativa e da responsabilidade sobre o desenvolvimento, tanto cognitivo quanto emocional de seus filhos, na instituição escolar, alegando falta de conhecimento e tempo para o desempenho de tais funções”. Diante disso, a criança relegada pelos pais manifesta seus sintomas de muitas formas, sendo impossível calar um corpo e mente adoecidos, estes anunciam as angústias vividas pela criança. Segundo Mattner (2016, p. 3):

A família, sendo a principal responsável pelo desenvolvimento humano de uma criança, está cansada e ausente, desejando que seu filho caminhe com as próprias pernas pelo caminho que lhe parecer melhor. Acredito que esta nova geração de pais, quer a autonomia de seus filhos no que se refere a atitudes, sem ao menos ter um exemplo, sem saber a distinção do certo e o errado, jogando-o sob a responsabilidade da escola e da sociedade. Mas, o interessante desta história, é que a criança não aceita esta situação, ela não se cala, se manifesta.

A infância é uma etapa da vida que não pode ser diminuído o seu valor, e para se ter uma infância com qualidade de vida todos os que estão inseridos na rotina da criança devem lutar pelos direitos da mesma, e antes de mais nada para educar uma criança para o bem-estar logo pensa-se em satisfação com a vida que determinada criança tem. Para Shutz, Bortolinie Sarriera (2016, p.563) debatem que: “A satisfação com a vida de crianças é um componente essencial para o conceito de bem-estar na infância, tão discutido em termos de políticas públicas”.

Mas deve-se delinear e investigar quais são os fatores que predizem essa satisfação com a vida e rever as relações que a criança tem na escola e na família, já que são os ambientes pelos quais ela mais está presente para que dessa forma a psicologia possa intervir. Segundo Shutz, Bortolinie Sarriera (2016, p. 563): “Ampliar o conhecimento sobre os diversos elementos que estão relacionados com a satisfação com a vida pode auxiliar na promoção de estratégias de intervenção psicossocial na infância”. Assim entende-se que o bem-estar subjetivo da criança está relacionado com componentes afetivos nas interações com família e escola, e cognitivos através da sua própria avaliação de suas experiências nesses contextos e

da vida como um todo, e esse revela sua satisfação global em relação à vida. Santos (2016, p. 17) propõe que: “A possibilidade da avaliação do componente cognitivo através da satisfação com domínios específicos da vida revela que o bem-estar é multidimensional, e assim composto por domínios diferentes”.

Ao falar sobre o contexto escolar e familiar é recorrente que ambos se incomodem com problemas internalizantes e externalizantes que surgem na infância como depressão e/ou ansiedade e agressividade respectivamente, sendo importante ressaltar que esses problemas estão interligados a quadros de agravamento de saúde mental na infância, os quais repercutem negativamente na vida escolar e nas relações da criança. Bolsoni-Silva, Perallise Nunes (2018) ao aplicarem instrumentos de avaliação com professores e pais sobre os problemas internalizantes e externalizantes que acometem crianças perceberam com unanimidade que os entrevistados consideram que essas crianças passam a ter menor competência social e desempenho escolar empobrecido.

Quando se fala em infância é preciso pensar em infâncias no plural dando visibilidade às crianças portadoras de alguma deficiência. Essas crianças para que tenham uma infância mais saudável demandam vínculos afetivos dos pais no contexto da reabilitação, e a boa relação baseia-se em desenvolver habilidades nas crianças, as mesmas alcançam resultados consideráveis em seu tratamento ajudando em seu engajamento, pelo contrário sem a presença de conexão dos pais o contexto infantil de reabilitação é prejudicado pelos problemas internalizantes e externalizantes que as crianças estão sujeitas a desenvolver. Gennaro e Barham (2014) ao falarem de um estudo aplicado sobre as habilidades parentais e da mediação do profissional fisioterapeuta na infância, relatam que as crianças com disfunções neurológicas no contexto da reabilitação dispõem de relações mais satisfatórias quando os pais interagem ativamente, potencializando resultados mais efetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados e discussões feitas observou-se algumas lacunas na literatura durante o processo de triagem e seleção dos artigos, além de ter-se uma pequena amostra que correspondesse aos critérios de inclusão da pesquisa mostrou-se muito reduzido o número de estudos sobre crianças com deficiências, onde na amostra obteve-se apenas um artigo. Outra lacuna deixada pela literatura foi a falta de variedade de abordagens da psicologia que se debruçassem sobre o sujeito criança, família e escola, encontrando-se estudos mais interligados à psicanálise e à psicologia do desenvolvimento.

A pesquisa apontou as atribuições de escola e família, sendo que os pais se mostraram como a principal ferramenta para a saúde emocional da criança. Os autores dirigiram suas discussões dentro dos recortes da parentalidade e da educação positiva, chamando atenção para o envolvimento e conexão entre pais e filhos, relatando como isso é crucial para o bem-estar psicológico das crianças. A escola também se mostrou relevante para a saúde emocional da criança, potencializando inúmeras competências e habilidades na infância, por conseguinte é perceptível como a instituição escolar tornou-se sobrecarregada sofrendo os estereótipos de que cabe à ela o dever de ensinar para a vida, cuidando e ditando o que é certo ou errado, e nisso se instaura um grande problema que é a culpa lançada ao âmbito escolar pela família. Este estudo contemplou os objetivos demarcados à medida que deu visibilidade aos estudos sobre *habilidades* e infância; investigar na literatura práticas parentais para o desenvolvimento de *habilidades* nas crianças permitindo uma análise sobre a escola e o seu investimento em *habilidades* e sua comunicação com a família da criança, bem como problematizou as atribuições da escola e da família na educação de crianças para às *habilidades*.

O papel da escola não é o de assistencialismo, mas o de educar, incentivando inúmeras aprendizagens. Pela análise dos estudos infere-se que no mundo atual as famílias estão cada vez mais ausentes, os pais por sua vez são determinantes na formação do psiquismo da criança e têm se mostrado adultos com muitos problemas não elaborados transmitindo cargas emocionais aos filhos, e esses têm como via de

sintoma a escola já que essa é o ambiente onde mais passam o tempo para além do seio familiar, e os números de ansiedade, depressão e fracasso escolar só tendem a aumentar, pois a escola não dá conta disso sozinha, é preciso coparticipação da família bem como o interesse dessa para a efetivação da aprendizagem na criança.

As inúmeras habilidades de vida e/ou sociais são fatores interferentes para o bem-estar das crianças consigo, com os outros e com o mundo. Essas habilidades para que sejam de fato regadas na infância precisam da colaboração de família e escola, essas são instituições interdependentes na educação das crianças para o bem-estar. A importância de promover habilidades na infância se dá por ser essa uma etapa da vida pelo qual o cérebro da criança passa por muitas mudanças e transformações, e as modificações do meio pode inclusive favorecer uma vida futuramente saudável para os pequenos, mesmo sabendo que a neuroplasticidade ocorre em todas as etapas da vida, no entanto, trabalhar o cérebro da criança por meio de relações de cuidado e construtivas fará com que ela chegue na vida adulta mais fortalecida emocionalmente.

Esse trabalho sugere também novas pesquisas no contexto da família, escola e habilidades na infância para que se possa surgir novos desdobramentos e novas vias de possibilidade de se defender e lutar por uma infância atrelada ao bem-estar emocional, como também sugere estudos empíricos para que se coloque em prática intervenções com pais, professores e crianças, promovendo ações que envolvam habilidades na infância, como também propondo habilidades parentais.

REFERÊNCIAS

ALVÃO, Maureanna Cardoso.; CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves. **Transições cotidianas entre a família e a escola: atividades e relações de crianças nesses contextos ecológicos.** Estud. pesqui. Psicol, Rio de Janeiro, vol. 15, n. 2, p. 631-651, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BARRETO, Monica.; SOUZA, Carolina Duarte de.; SANGALETTI, Anndrey Kuhn.; DEUS, Meiridiane Domingues de.; KOLTERMANN, João Paulo.; WEGNER, Larissa Fetter.; CREPALDI, Maria Aparecida.; VIEIRA, Mauro Luís **Grupo reflexivo para promoção de parentalidade e coparentalidade: um relato de experiência.** SPAGESP, Ribeirão Preto, 20(1): 113-125, 2019.

BOLSONI-SILVA, Alessandra.; PERALLIS, Claudya.; NUNES, Patricia. **Problemas de Comportamento, Competência Social e Desempenho Acadêmico: Um Estudo Comparativo de Crianças no Ambiente Escolar e Familiar.** Trends Psychol, Ribeirão Preto, vol. 26, n. 3, p. 1189-1204, 2018.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília; MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 4 de abril de 2020.

CARTAXO, Vanina de Andrade Bezerra. **Operação pais sempre. Uma missão que não pode parar.** Novo Hamburgo, RS: Sinopsys, 2016.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima.; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. **Diagnóstico da medicalização do processo ensino-aprendizagem na 1ª série do 1º grau do município de Campinas.** Em aberto, Brasília, vol.11, n. 53, p. 23-28, 1992.

CONTE, Gabriella.; CIASCA, Sylvia Maria.; CAPELATTO, Iuri Victor. **Relação entre autoconceito e autocontrole comparados ao desempenho escolar de crianças do ensino fundamental.** Revista Psicopedagogia, São Paulo, vol. 33, n.102,p. 225-234, 2016.

DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira.; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia de habilidades sociais na infância. Teoria e prática.** Vozes. Petrópolis. 2005.

FULY, Viviane Moretto da Silva.; VEIGA, Georgea Suppo Prado. **Educação Infantil: da visão assistencialista à educacional.** Interfaces da Educ, Paranaíba, vol. 2, n.6,p. 86-94, 2012.

GENNARO, Lisandrea Rodrigues Menegasso.; BARHAM, Elizabeth Joan. **Estratégias para envolvimento parental em fisioterapia neuropediátrica: uma proposta interdisciplinar.** Estud. pesqui. Psicol, Rio de Janeiro, vol.14, n.1, p. 10-28, 2014.

GORAYEB, Ricardo. **O ensino de habilidades de vida em escolas no Brasil.** Psicologia, saúde e doenças, Ribeirão Preto, 3 (2), 213-217, 2002.

KLUMPP, Carolina Ferreira Barros.; SILVA, Rosangela Nazareno da. **A importância da figura paterna para o processo de aprendizagem.** VINCULO – Revista do NESME, vol. 15, n.1, p.37-47, 2018.

MAINARDI, Sabrina Magossi.; OKAMOTO, Mary Yoko. **Desenvolvimento das crianças: um olhar sobre o papel da família e o papel da escola na perspectiva dos pais.** Psicol. Ver, Belo Horizonte, vol. 23, n.3, p. 822-839, 2017

MARTURANO, Edna Maria. **Recursos no ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola.** Psic: Teor. e Pesq, Brasília, vol. 15, n.2, pp. 135-142, 1999.

MATTNER, Daiane Alves Rodrigues. REFLEXOS DA CONTEMPORANEIDADE: A AUSÊNCIA DA FAMÍLIA COMPROMETE O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA. Ijuí, RS, 2016. 19f. TCC (Trabalho de conclusão de curso em Pedagogia) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUÍ, 2016.

MINTO, Elaine Cristina.; PEDRO, Cristiane Pereira.; NETTO, Jaqueline Rodrigues da Cunha.; BUGLIANI, Maria Aparecida Prioli.; GORAYEB, Ricardo. **Ensino de habilidades de vida na escola: uma experiência com adolescentes.** Psicologia em estudo, Maringá, vol.11, n.3, p. 561-568, 2006.

OSTI, Natália Monti Di.; SEI, Maíra Bonafé. **A importância da família na clínica infantil: um ensaio teórico-clínico.** Temas psicol, Londrina, vol.24, n.1, pp. 145-157, 2016.

RODRIGUES, Manuel Alves. SAÚDE E BEM-ESTAR DE CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR. Esc Anna Nery (impr.), Coimbra, 15 (2):395-401, 2011.

SANTOS, Bibiana Ramos dos. BEM-ESTAR SUBJETIVO INFANTIL E RELAÇÕES INTERPESSOAIS. Porto Alegre, RS, 2016. 145f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2016.

SCHUTZ, Fabiane Friedrich.; BORTOLINI, Marcela.; e SARRIERA, Jorge Castellá. **Satisfação de crianças com a vida: as contribuições da família e da escola.** Estud. pesqui. Psicol., Porto Alegre, vol. 16, n.2, pp. 549-567, 2016.

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj. **Eduque com Carinho. Equilíbrio entre amor e limites.** 6. ed. rev. e atual. Curitiba, PR: Juruá, 2017.

VELUDO, Cássio Marcelo Batista.; VIANA, Terezinha de Camargo. **Parentalidade e o Desenvolvimento Psíquico na Criança.** Paidea, Ribeirão Preto, vol. 22, n.51, p. 11-118, 2012.